



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

SUZANA CASSIMIRO RODRIGUES DOS SANTOS

**DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO: DUAS
LEITURAS DE *A BELA E A FERA***

GUARABIRA – PB
2016

SUZANA CASSIMIRO RODRIGUES DOS SANTOS

**DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO: DUAS
LEITURAS DE *A BELA E A FERA***

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA – PB
2016

S237c Santos, Suzana Cassimiro Rodrigues dos
Do clássico ao contemporâneo: [manuscrito] : duas leituras de
A Bela e a Fera / Suzana Cassimiro Rodrigues dos Santos. - 2016.
18 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento
de Letras".

1. Literatura infanto-juvenil 2. Contos de Fadas 3. A Bela e
a Fera. I. Título.

21. ed. CDD 028.5

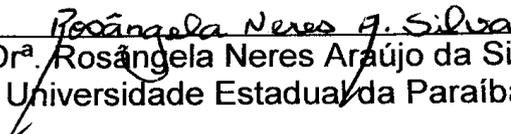
SUZANA CASSIMIRO RODRIGUES DOS SANTOS

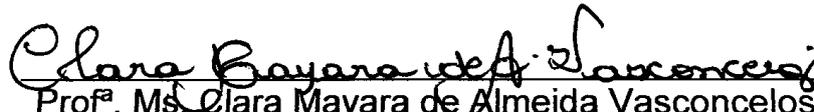
DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO: DUAS LEITURAS DE *A BELA E A FERA*

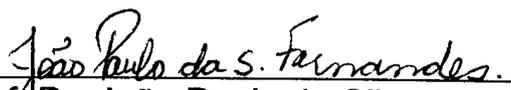
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Aprovado em 18 de maio de 2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva - Orientadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO: DUAS LEITURAS DE *A BELA E A FERA*

SANTOS, Suzana Cassimiro Rodrigues dos¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar duas leituras interpretativas do conto de fadas “A Bela e a Fera”, de Mme. Leprince de Beaulmont (1756) na versão clássica, e o conto “Luz Verde”, de Carlos Queiroz Telles (1993) na versão contemporânea, mostrando que o gênero literário infantil continua encantando o público em geral e fornecendo conhecimentos. Como suporte teórico, utilizamos os estudos sobre a origem e a contemporaneidade do conto de fadas dos autores Cunha (2003), Bettelheim (1980), Goés (1991), dentre outros. Partindo do pressuposto dessa teoria e crítica, apontamos as características que atualizam os contos de fadas, no contexto da literatura infantil e juvenil nacional.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Conto de fadas. *A Bela e a Fera*.

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil nos faz viajar num mundo encantador, que mexe com o nosso imaginário, principalmente com o infantil, fazendo com que a criança aguace o seu desejo de prazer pela leitura, despertando assim a sua curiosidade para o mundo em sua volta. Segundo Cavalcanti (2002, p. 39):

A literatura pode ser para a criança o espaço fantástico para a expansão do seu ser, exercício pleno da sua capacidade simbólica, visto trabalhar diretamente com elementos do imaginário, do maravilhoso e do poético. Amplia o universo mágico, transreal da criança para que esta se torne adulto mais criativo, integrado e feliz.

Ou seja, a literatura infantil possibilita para a criança respostas para suas indagações e satisfaz a sua curiosidade sobre si mesma, fazendo com que a criança seja capaz de compreender o mundo e seus sentimentos, visando o

¹ Formanda em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: suhrodrigues03@gmail.com

despertar para a vida adulta, tornando – o um ser humano crítico, perante suas escolhas na sociedade.

Acreditamos que os contos de fadas tornaram-se um fio condutor da literatura infantojuvenil, tanto na versão mais tradicional quanto na moderna, por ser o viés para a construção de um sujeito-leitor mais consciente, capaz de subjetivar contextos e atualiza-los.

Já sabemos que os contos de fadas continuam nos encantando, pois nos fazem refletir como é maravilhosa a construção de um mundo fantástico, como afirma Cavalcante (2002, p. 46):

(...) Os contos de fadas permanecem vivos e se multiplicando no imaginário coletivo, tanto no que diz respeito à pesquisa quanto a produção de obras, pois são “formas vivas” permanentes e em desdobramentos que nos servem a todo momento.

Sendo assim, os contos de fadas foram peças fundamentais para a literatura infantil, mas ainda estão presentes no mundo contemporâneo, onde encontramos obras que são produzidas com roupagens modernas, mas não perdendo a essência do conto tradicional.

Desenvolvemos, neste trabalho, uma leitura interpretativa entre os contos “A Bela e a Fera” de Mme. Leprince de Beaulmont (1756) e “Luz Verde”, de Carlos Queiroz Telles (1993) refletindo sobre os elementos que permitem a atualização do conto clássico na contemporaneidade.

A base teórica deste estudo, no capítulo 2, mostra um resumo do surgimento da literatura infantil, quando fica evidenciada que é uma literatura voltada para criança, mas não impedindo que agrade também ao adulto, como assim é definido por Cunha (1991).

No capítulo 3, mostramos as características do conto de fadas para o despertar do imaginário infantil e a composição do texto das histórias infantis.

Por fim, no quarto capítulo, procedemos o estudo dos contos selecionados, através de uma leitura interpretativa, para explicitar a relação entre o conto tradicional “A Bela e a Fera”, de Mme. Leprince de Beaulmont (1756) e sua versão contemporânea “Luz Verde”, de Carlos Queiroz Telles (1993).

Dessa forma, acreditamos que a escolha desses contos nos apresenta estruturas semelhantes, e ao mesmo tempo fatos distintos, mostrando que a atualização dos contos alterou o contexto e situações, mas não modificou a essência original do texto clássico, que permanece viva, fascinando e alimentando o imaginário das crianças e dos adultos.

2 LITERATURA INFANTIL: TEORIA E CRÍTICA

Assim como a dança, a música e a pintura, a literatura também pode ser considerada uma experiência vivenciada pelo humano, ou seja, uma arte, mais precisamente uma manifestação artística, tendo como finalidade recriar a realidade ou imaginário, baseando-se nos sentimentos, sonhos, imaginação, realidade, ideais de vida, sua possível/impossível realização. Nessa literatura universal, tomaremos como ênfase a literatura infantil.

A literatura infantil teve seu marco inicial no século XVIII, quando fica evidenciado que a criança é considerada um ser diferente do adulto, tendo características e necessidades singulares, passando a ter sua própria literatura no contexto social.

A quem diga que há literatura infantil tenha percorrido um longo caminho para ser considerada uma literatura voltada para crianças, observando os clássicos, as manifestações folclóricas e os contos, que se adaptaram para construir a literatura infantil. Sobre essa questão, Maria Antonieta Antunes Cunha afirma:

No caminho percorrido, à procura de uma literatura adequada para a infância e juventude, observam – as duas tendências próximas daquelas que já informaram a leitura dos pequenos: Dos clássico, fizeram adaptações, do folclore, houve a apropriação dos contos de fadas até então quase nunca voltadas especificamente para a criança. (CUNHA, 1991, p.23.)

A literatura infantil antes de tudo é literatura, ou seja, uma linguagem vista como arte, e não apenas voltada para o que se produz, mas também para quem se dirige: o público infantil e juvenil. Assim, a literatura infantil é uma forma de expressão que pode ser destinada especificamente para criança, mas

que também pode agradar o adulto, não modificando suas características, mas agradando e emocionando o público em geral.

Dessa forma, Lucia Pimentel Góes traz em seu livro a seguinte afirmação de Carlos Drummond de Andrade:

Literatura Infantil é, antes de tudo, “literatura”, isto é, mensagem de arte, beleza e emoção. Portanto se destinada à criança, nada impede (pelo contrário) que possa dar ao adulto. E nada modifica a sua característica literária se, escrita para o adulto, agradar e emocionar a criança. (Apud Góes, 1991, p.3).

Charles Perrault é considerado o iniciador da literatura infantil. Perrault fazia estudo de contos da idade média para adapta-los; sua preocupação era de construir uma arte moralista, apresentando modificações nos contos, para que servissem de ensinamento para as crianças. A função primordial de Perrault, assim como a da literatura infantil, é o despertar do gosto pela leitura, o prazer pelo texto, a estética para agradar aos olhos da criança, visando o conteúdo informado. Dessa maneira tornou-se fundamental que a literatura infantil despertasse na criança o prazer da leitura.

No entanto a literatura infantil teve sua existência duvidosa, pois não era vista especificamente voltada para criança, mas para o adulto também. Pois um livro bom não é aquele dirigido a um único público, mas para aqueles que apreciam a boa leitura.

Antes da literatura ser o que é hoje, ela já existia na idade média, pois os povos criavam histórias do seu cotidiano ou imaginário, que eram contadas oralmente. Depois, esses relatos foram adaptados e escritos em coletâneas, surgindo o livro infantil. Góes (1991, p.18) afirma que “Para nós, a literatura infantil tem origem na idade oral do mito, enquanto o livro infantil teria surgido apenas quando se originou uma preocupação com a criança enquanto tal.”

Em virtude dos fatos mencionados, podemos dizer que a literatura infantil surgiu com o reconhecimento da infância e a necessidade de uma arte literária específica para ela. Esse fato fez surgir, então, o livro infantil e a preocupação na organização e seleção desse material para a criança.

É de suma importância escolher um livro que atenda às necessidades da criança, um livro que vá muito além de uma capa bonita ou de uma história

com final feliz. Esse material precisa ser a porta de entrada para vida social e cultural do mundo adulto e adequado às etapas cognitivas da criança.

Sabemos que o livro infantil é escrito por adultos e lido pela criança. Logo, é preciso que traga conteúdos que levem em conta as condições da infância, que desenvolva os níveis psicológico e o intelectual, e que, sobretudo, estabeleça um diálogo com a diversidade dos povos, formando cidadãos capazes de compreender a sociedade na qual estão inseridos.

Segundo Góes (1991, p.27), o critério de escolha do bom livro infantil parte dos pais e dos educadores que fazem parte da vida da criança. Para os pais cabe o dever de escolher livros que despertem a leitura desde cedo, podendo ser através de histórias contadas ou diálogos entre pais e filhos.

E para o educador fica o papel de estimular e manter, no cotidiano escolar, o gosto pela leitura, apresentando livros educativos, com linguagem adequada às fases de aprendizagem, a fim de transmitir o sentimento de respeito, dignidade pelo seu próximo, os valores sociais, a justiça, a liberdade, a paz, a igualdade e a solidariedade perante a sociedade na qual participa.

3 O CONTO DE FADAS: CARACTERÍSTICAS E COMPOSIÇÃO

Sabemos que os contos de fadas estão presentes na nossa vida desde à infância, principalmente no âmbito escolar, pois é através da hora da leitura nas escolas que passamos a conhecer esse gênero, nas histórias contadas pelas nossas inesquecíveis “tias” do jardim de infância. Porém, é importante conhecer suas características e composição. Diante disso, abordamos esse gênero mais de perto, que desperta a imaginação, os encantos e sonhos dos pequenos leitores.

Góes (1991, p.6) aponta que contar vem do latim **computare**, que evolui para **comptare**, cujo vocábulo francês é **compter**. Contar é o cômputo dos fatos ou contar fatos. Relatar fatos e acontecimentos, que não podemos considerar apenas da imaginação, mas de acontecimentos da vida real, histórias do cotidiano de um povo.

Nesse contar de histórias destacamos o gênero conto de fadas. Os contos de fadas são oriundos da idade média, mais precisamente na idade oral do mito. Geralmente são histórias repetidas que foram coletadas e passadas de geração em geração, mas sofrendo modificações em sua estrutura original. Os contos de fadas não eram dirigidos para as crianças, nem como formas de ensinamentos moralistas. Charles Perrault adaptou os contos para o público infantil, alterando as histórias da tradição oral, para adequarem-se às necessidades da sociedade burguesa. Os Irmãos Grimm (no séc. XIX, na Alemanha) abriram caminho para os contos criados especificamente para as crianças. Góes afirma o seguinte:

As fadas são encarnações posteriores das lendas e nasceram da voz viva e falada dos povos. Sua origem remota, tanto como a dos contos que narram suas façanhas, está na idade oral do mito, quando ainda não tinham inventado os caracteres da imprensa. (GÓES, 1991, p.112).

Coelho (2003), afirma que os contos de fadas são de origem celta e que inicialmente apareceram como poemas que relatavam amores estranhos, eternos, essencialmente idealistas e ligados a valores universais do ser humano. A princípio, a preocupação não era com as crianças. Muitas obras foram traduzidas em várias línguas, ficando conhecidas como obras-primas da literatura infantil, entre elas destacam-se: A Bela Adormecida, os músicos de Bremen, Os Sete Anões e a Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, A Gata Borralheira, O corvo, A Dama e o Leão, Joãozinho e Maria e O Pequeno Polegar.

Para Góes (1991, p.116) A presença do maravilhoso é a característica fundamental do conto de fadas. É o que dá ao conto o caráter imaginativo, que predomina na narrativa. Nessas histórias, o herói ou a heroína busca vencer os obstáculos para conquistar o final feliz.

Segundo Bettelheim (1980) é característica dos contos de fadas a existência de um dilema de forma breve e categórica, e geralmente o bem é colocado em detrimento do mal.

Cashdan (2000) afirma que os contos de fada tem quatro etapas: A travessia, que leva o herói ou heroína a viajar pelo mundo mágico; o encontro,

marcado pela presença diabólica que no caso é o personagem do mal ou o obstáculo a ser vencido, enfrentando a dificuldade a ser superada na qual o herói ou heroína mergulha na luta contra o mal; a última etapa, que é a celebração, geralmente marca o desfecho da história, com o casamento ou reunião familiar, tendo a vitória contra o mal e a recompensa do final feliz para sempre.

Vale lembrar que Coelho (1998) esclarece que os contos de fadas podem ou não contar com a presença de fadas, sem deixar de apresentar questões mágicas, reis, rainhas, príncipes, princesas, bruxas, gigantes, anões etc. Outro aspecto marcante é a possibilidade de apresentar sempre um espaço de tempo indefinido ou espaço fora da realidade conhecida, como florestas encantadas, mal assombradas, castelos medievais, lugarejos, trabalhadores rurais, comerciantes, dentre outros, sem esquecer das frases que iniciam a maioria dos enredos de muitas histórias, tais como “Era uma vez...” ou “Certa vez...”

Goés (1991) afirma que os personagens são outra característica importante na estrutura dos contos de fadas:

Em geral, são poucas e apresentando grande unidade; às vezes crianças, outras jovens em idade de casar. Podem proceder de uma cabana muito pobre ou de um faustoso palácio encantado. Sua origem, as características que as distinguem, o modo com atuam são sempre extremamente exageradas. Ou são excessivamente boas ou medrosas, belas ou tragicamente feias, ou perversas ou covardes, ou valentes e nobres; ou são anõezinhos, ou gigantes, bruxas ou princesas, reis disfarçados de mendigos ou mendigos convertidos em reis e cavaleiros (1991, p.116).

Diante dessa afirmação, podemos compreender que os personagens são partes fundamentais de um conto, são eles que dão vida e todo o desenrolar da história.

O conto de fadas possui uma importância grande na vida das crianças, pois contribui para a descoberta da sua identidade, sugerindo experiências que são fundamentais no seu desenvolvimento e no seu caráter. Dessa forma, Bettelheim (1980, p. 32) afirma que:

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas somente se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais não se adquire verdadeira identidade. Estas estórias prometem à criança que, se ela ousar se engajar nesta busca atemorizante, os poderes benevolentes virão em sua ajuda, e ela o conseguirá.

Em função disso, Bettelheim ainda destaca a importância que o conto de fadas tem na descoberta do “EU”, na criança. Seu significado pode apresentar estágios e aceitação diferenciada para cada uma delas e adequa-se a cada momento da sua vida. Sendo assim Bettelheim (1980, p.20) ainda aponta que:

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos.

Portanto, para a criança, os contos de fadas podem ser explorados, lidos ou relidos em diferentes fases, para a ampliação do significado.

4 DUAS LEITURAS DE *A BELA E A FERA*

Os contos de fadas envolvem os leitores num mundo imaginário e a fim de mostrar um viés desse envolvimento, buscamos mostrar a atualização contemporânea do conto de fadas clássico “A Bela e a Fera”.

“Luz Verde”, escrito por Carlos Queiroz Telles, mescla elementos de nosso atual contexto com o imaginário do conto clássico, preservando sua essência e mostrando uma nova forma de reconto do gênero conto de fadas.

A primeira versão da obra “A Bela e a Fera” foi publicada pelo italiano Straparalo, em 1550. No entanto, a história passou a ser conhecida durante o século XVIII, na versão formalizada pelas autoras francesas Madame Leprince

Beaumont e Madame Gabrielle Di Villeneuve. Com adaptações de Walt Disney, a história romântica se destaca pela magia e encantamento que nos leva para um universo de fantasia, despertando a atenção ao fato de que a beleza deve ser contemplada pelo interior e não por qualidades exteriores.

Na versão clássica, o conto “A Bela e Fera” narra a história de um rico comerciante que têm três filhas. Bela, que é a mais nova, sempre se destaca por ser carinhosa, amorosa e encantadora, tornando-se a favorita de seu pai e fazendo com que as outras irmãs sintam inveja da preferência do pai por ela. Um dia, esse comerciante perde tudo e fica pobre, para desespero das filhas mais velhas, que veem acabar todo o luxo que sempre ostentaram.

Certo dia, o comerciante viaja à procura de bons negócios e pergunta as filhas o que desejam que ele traga como presentes no regresso à casa. As irmãs de Bela pedem joias, enquanto ela deseja apenas uma rosa. O comerciante partiu com a esperança de encontrar negócios lucrativos, mas se enganou, pois retornou mais pobre do que antes.

No caminho de volta, perdeu-se numa imensa floresta, passando frio, fome, e depois de alguns dias chegou num misterioso castelo, que parecia abandonado, onde passou a noite. Ao amanhecer, o comerciante passando por um lindo jardim do castelo, lembrou do pedido que Bela o fez e colheu uma linda rosa para sua filha. No mesmo instante, apareceu um homem deformado por uma maldição, era a Fera, irritado pelo fato do roubo, e disse para o homem que sua morte era o pagamento pelo roubo da rosa. O homem ficou desesperado, implorando pela sua vida. A Fera disse que só perdoaria se uma de suas filhas se oferecesse para morrer em seu lugar.

Bela quando soube do acontecido, se ofereceu para ficar no lugar do pai. A Fera concordou e foi feita a sua vontade. Bela, ao chegar no castelo, sentiu muito medo, mas com o passar dos dias foi se adaptando e gostando da sua nova vida. Com o passar do tempo a Fera se apaixonou por ela e a pediu em casamento. A princípio, Bela não aceitou, mas ofereceu sua amizade.

Certo dia, a moça pediu permissão a Fera para visitar seu pai que estava doente. A Fera permitiu, com a condição de que ela voltasse, mas acreditava que a moça não voltaria e adoece. Bela sonha que a Fera está morrendo e retorna para o castelo. Encontra-o caído e se desespera, descobrindo assim que o ama. Quando pronuncia palavras de carinho para a

Fera, o encanto é desfeito e ele se torna um belo príncipe. O desfecho do conto mostra a celebração do casamento e o final feliz.

Na versão contemporânea, a história inicia com um jovem piloto de Fórmula 1, Johannes Orberg, de família rica, que tem seu sucesso interrompido após um grave acidente. Orberg teve seu corpo queimado e ficou com o rosto deformado. A partir daí sua vida é totalmente transformada. Depois de várias tentativas de cirurgias plásticas para a reconstrução do seu rosto, o piloto desiste e resolve viver numa ilha distante de tudo e de todos, levando uma vida solitária, onde seu único passatempo era o passeio de helicóptero.

Certo dia, num desses passeios, Orberg se depara com um homem boiando, pedindo socorro. Era o marinheiro Martin Olsen, que perdeu toda mercadoria em um naufrágio. O marinheiro fica desesperado, pois era a única solução para sua filha Bela, a mais nova de três filhas, de ir para o exterior se especializar em cirurgia plástica, pois já era formada em medicina. Ao acordar num belo castelo, porém misterioso, Martin resolve ir à procura do anfitrião para agradecer por salvar sua vida e o acolhimento no castelo. Nessa sua andança pelo castelo, o marinheiro se depara com uma sala cheia de troféus e descobre a identidade do homem que salvou sua vida.

Orberg se irrita com a curiosidade de Martin e não aceita suas desculpas, decidindo que o marinheiro ficará morando no castelo. Martin não aceita essa condição e fica desesperado e conta do sonho de sua filha Bela, de ir para o exterior se especializar em cirurgia plástica, o piloto se interessa da história e propõe um acordo com o marinheiro: que o deixe sua filha Bela no seu lugar. Em troca, promete ajuda-la nos seus estudos. Martin não encontra outra solução e aceita o acordo. Bela fica no seu lugar, sem saber do acontecido com seu pai, passando vários dias no castelo sozinha, sendo muito bem tratada, onde sua única companhia era ouvir suas músicas prediletas e os livros de seu maior interesse: cirurgia plástica.

Num certo dia, Bela ouve a voz de um homem e se depara com um jovem de rosto todo deformado. Era Orberg e a moça se interessa pelo seu caso e deseja saber o que aconteceu. O piloto conta toda história, mostra com prazer seus troféus e revela para Bela que forjou, com a ajuda dos seus pais, sua própria morte. Bela se emociona com o relato e revela para o piloto que vai

ajuda-lo na recuperação do seu rosto. A princípio, Orberg não acredita na sua recuperação, mas Bela, decidida a ajuda-lo, insiste.

Ao realizar as leituras interpretativas dos dois contos destacados mostra que há muitos pontos em comum entre o texto clássico e sua adaptação contemporânea. Os personagens são praticamente os mesmos, a situação do pai das Belas é bem similar, ambas as moças são solícitas e generosas. Do ponto de vista da temática, a beleza física é suplantada pelas características interiores, que se mostram nobres.

O conto contemporâneo atualiza essa temática, acrescentando elementos da modernidade à narrativa, tais como formula1, competições com carros de corrida, troféus como recompensa e a mulher conquistando sua independência através dos estudos. O próprio espaço é outro, mas continua norteado pelas posses e riquezas da Fera. Aposta na velocidade dos carros de corrida e nos passeios de helicóptero ao redor da ilha.

A personagem feminina, no conto tradicional, é uma jovem aos moldes da sociedade burguesa, à espera de um marido que tenha posses.

“A mais moça era tão linda – de mente, corpo e coração que o chamavam de Bela”. (p.5).

Em “Luz Verde”, a Bela é uma moça independente e culta, que acaba de se formar em medicina.

“Pai de três filhas, Martin Olsen sonha com a mais querida delas. Bela acabara de se formar em medicina(...) (p. 121).

Ambos os contos aguçam a habilidade criativa das crianças e jovens, fazendo que use sua sensibilidade para fazer descobertas. Neste sentido, Cavalcanti mostra que:

Qual a pessoa que não desejou ter a beleza da alma da Fera ou ser a Bela para ser amada e desejada como no conto A bela e a Fera? E a Chapeuzinho Vermelho... quem um dia não transgrediu como ela? Enfim, essas histórias povoam mais do que o cotidiano banal de cada pessoa, pois estão geradas no inconsciente e na alma, espaços intocáveis do ser. (CAVALCANTI, 2009 p. 49-50)

O final feliz é um ponto importante em ambos os contos, mas “Luz Verde” deixa o desfecho em aberto, para as múltiplas interpretações do leitor: será que Bela conseguiu fazer a cirurgia plástica de Johanês Orberg? Será que o jovem voltou a ter sua aparência de antes? Será que os dois se apaixonaram e casaram?

Esses questionamentos fazem com que a nossa imaginação crie várias possibilidades de respostas possíveis. Nelly Novaes Coelho (2000, p. 151) explicita que:

Enfim, o que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso.

Mas há indícios na narrativa de que a história parte para um final feliz, como por exemplo:

- Bela sabe o que pode e deve fazer. Abraça o piloto pelas costas. Encosta sua cabeça em seu ombro. (...) (p.126).
- Calma campeão. Eu sei que posso ajudar você a recuperar o seu rosto. (p.126).
- Orberg segura com força a mão da moça. (p.126).

Assim, percebemos que a contemporaneidade mantém o conto de fadas clássico sempre vivo, agrupando suas características principais, sua tessitura narrativa, mas atualizando o tempo e espaço para mostrar uma temática e um contexto modernos, perpetuando a essência dos contos de fadas e sua importância na literatura infantojuvenil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de nossa pesquisa, observamos que a literatura infantojuvenil chega até os dias atuais com muito vigor, pois mostra a essência de seus textos voltada para elementos da contemporaneidade. Na gênese do conto de fadas, percebemos uma preocupação com a temática, a linguagem e o ambiente, elementos esses que podem ser atualizados, perpetuando a narrativa fantasiosa e o imaginário da criança e do jovem.

O gênero conto de fadas contribuiu muito para essa literatura. Foram essas narrativas que fizeram com as crianças construíssem a sua formação como sujeitos ideológicos e discursivos, como afirma Bettelheim:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIM, 1980, p.20)

Por isso que a literatura infantil sempre se destaca por ser considerada uma condutora de sonhos para os leitores. Destacamos o conto de fadas para realizar esse trabalho, porque as adaptações mostram como essas histórias continuam fortes e expressivas, acrescidas dos elementos da contemporaneidade. E, em nossos tempos, a história da Bela e a Fera aparece propícia para discutir o tema da importância da beleza física em detrimento da beleza da alma. O tema não poderia ser mais atual, pois os números de intervenções cirúrgicas e o enaltecimento do corpo mostram a preocupação do ser humano com a aparência exterior.

Portanto, ao fazer a leitura interpretativa do conto clássico e o moderno, encanta-nos a possibilidade de mostrar as crianças e jovens que as características interiores são mais relevantes do que as exteriores, que podem ser facilmente perdidas.

REFERÊNCIAS

BEAUMONT, Jeanne-Marie Le Prince de. A Bela e a Fera. In: HEARNE, Betsy. **A Bela e a Fera ao redor do globo**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013.

BETTELHEIM; Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CASHDAN, S. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos podem influenciar nossas vidas**. Rio de Janeiro: Campos, 2000.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil. Teoria Análise Didática**. 1ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 2003.

GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

KUPSTAS Márcia. et ali. **Sete faces do conto de fadas**. Coleção Veredas. 5 ed. São Paulo. Moderna, 1993.

MARIANA, Livia. **Contos de Fada na Educação Infantil**: http://contosdefadasnaeducacaoinfantil.blogspot.com.br/2012/04/o-genero-textual-contos-de-fadas_07.html > Acesso em 10 de mar. 2016.

TELLES, Carlos Queirós. Luz Verde. In: KUPSTAS, Marcia. **Sete faces do conto de fadas**. São Paulo: Moderna, 1993.